

## No insensato show da violência na TV

# A PEDAGOGIA DO CRIME

Texto de Carlos Chaparro

A televisão brasileira dedica boa parte do seu tempo, do seu dinheiro e dos seus talentos a um telejornalismo que abusa do sensacionalismo, sem quaisquer cuidados éticos e/ou deontológicos, sem a mínima preocupação com os danos sociais provocados. Nutrindo-se do crime, e nutrindo-o, esses programas dedicados ao show da violência constituem a fronteira do nosso telejornalismo que, de maneira maia acintosa, manifesta a falta de compromisso da televisão com os objetivos que a Constituição lhe atribui, ao estabelecer (Artigo 221) que **“a produção e a programação que as emissoras de rádio e televisão atenderão aos seguintes princípios: preferência a finalidades educativas, artísticas, culturais e informativas (inciso I); (...) respeito aos valores éticos e sociais da pessoa e da família (inciso IV)”**.

Em vez disso, esse telejornalismo expande aquilo a que já podemos chamar de “paradigma Datena”, numa postura acintosamente aética que glorifica a lógica de “vale-tudo pela audiência”, com razões de ser meramente mercadológicas. Mas cujo principal efeito (e por isso também o principal objetivo) é a vulgarização do crime e da violência urbana, com a consequente disseminação do medo, que garante o retorno do telespectador no dia seguinte.

O oportunismo dos objetivos e a gravidade dos efeitos justificam a proposta de uma reflexão em torno de uma questão simples e essencial:

Vulgarizar o crime e a violência - Por quê? Para quê? Para quem?

Se houvesse condições para, em função dessas perguntas, desconstruirmos as espertezas tático-estratégicas do nosso telejornalismo policial, chegaríamos provavelmente à descoberta de que a lógica aética do “vale-tudo pela audiência” serve prioritariamente ao objetivo oculto de criar e sustentar um poder próprio (de emissoras e profissionais), nutrido pela exacerbação das emoções do crime e da violência.

Em função desse objetivo, o “vale-tudo pela audiência” acabou por desenvolver uma pedagogia do crime, que agrega emoção à narração da violência. A polícia colabora caprichosamente com essa pedagogia. Chega a impressionar o didatismo com que alguns delegados brilham diante das câmeras, ao descreverem em detalhes os modos de agir dos criminosos - frequentemente, com a ajuda de transcrições e/ou reproduções de escutas telefônicas, cuja divulgação é proibida por lei (*Artigo 151 do Código Penal e Lei 9.296, de 24/07/1996*) mesmo no caso de interceptações autorizadas pela Justiça.

Antes, porém, de ir adiante nessa vertente da análise, é preciso desmontar o equívoco que atribui a esse jornalismo “maléfico” a qualificação de “**sensacionalista**”.

A colagem da palavra “sensacionalismo” ao jornalismo do crime e da violência urbana estabeleceu, nos mecanismos do senso comum, a convicção de que **sensacionalismo é coisa má**.

Discordo.

O sensacionalismo, como qualquer dos muitos ismos que organizam o mundo das idéias e das ações, não é intrinsecamente mau. Ao contrário. Trata-se de um **recurso expressivo indispensável ao sucesso** da esmagadora maioria dos atos de fala.

Trazendo a questão para o nosso campo, podemos dizer que dificilmente o jornalismo considerado “sério” alcançará sucesso

se não souber utilizar, com criatividade e inteligência, as técnicas e os recursos de linguagem do sensacionalismo.

Alguns geniais antecessores nossos aperfeiçoaram o jornalismo como linguagem de intervenção social, porque fizeram a revolução das formas sensacionalistas. Cito dois nomes: **Joseph Pulitzer** e **William Hearts**, editores rivais que no final do século XIX protagonizaram na América a mais sensacional competição entre dois jornais, Pulitzer à frente do *New York World*, Hearts comandando o *Morning Journal*. Chegaram a tiragens de um milhão de exemplares. E foi nessa competição que surgiram e se desenvolveram coisas como a titulação horizontal (as nossas manchetes de hoje), a hierarquia de espaços e títulos, as amplas ilustrações, a habilidade para criar ênfases e dar evidência às relevâncias de cada dia, tornando-as sensacionais.

**O sensacionalismo descolado de valores**, que escamoteia conteúdos, os deforma ou os submete a intencionalidades que pouco ou nada têm a ver com o direito à informação, **é uma pilantragem repugnante**.

Já o sensacionalismo que chama a atenção para bons conteúdos, socializa conhecimentos e amplia interações transformadoras. A ele recorrem todos os meios de comunicação sérios do mundo, para desvendar e colocar em relevo temas e acontecimentos que, por sua importância, movem a atualidade.

Portanto, há que colocar sob suspeita não as formas e as técnicas sensacionalistas, mas as intencionalidades da sua utilização, que devem estar vinculadas às razões éticas da sociedade. Que são, nem mais nem menos, os motivos éticos da atividade jornalística.

## **Incentivo à violência**

Os estudos e as discussões que a ciência já produziu sobre o assunto não conseguem comprovar que haja relação de causa e efeito entre a ostensiva vulgarização da violência na programação da TV e o crescimento assustador dos índices da criminalidade urbana. Nas pesquisas já realizadas, as conclusões não são

convergentes. Acredito, mesmo, que dificilmente saberemos, com precisão, o grau de influência que programas do tipo "Cidade Alerta", da Rede Record, e "Brasil Urgente", da Rede Bandeirantes, exercem como agentes de incentivo à violência.

Seria simplificar demais as coisas atribuir à televisão e a esses programas as culpas pela insegurança que hoje condena as populações urbanas à triste situação de reféns do medo.

Entretanto, generaliza-se a convicção de que o aproveitamento oportunista da violência (que já transborda para os telejornais ditos "sérios"), faz da nossa televisão uma poderosa e perigosa fonte de desagregação social.

Por quê?

Porque lida com os conteúdos dramáticos da violência sem preocupações ético/educativas, usando-os somente como tática insensata, porém esperta, da luta por telespectadores, já que, na estratégia da programação, é função desses programas “entregar” aos rentáveis telejornais do horário nobre uma boa audiência pré-conquistada.

\*\*\*\*

Nas interações com o mundo circundante, os seres humanos agem e reagem pela percepção inteligente, que vem a ser a tomada de conhecimento, pela via sensorial, dos objetos e fatos exteriores. E o que nos move nessas “ações de conhecer” é a emoção (do latim *movere*), ativada pelas sensações.

Entende-se, assim, o porquê da caldeirada de violências servida por esses programas. O que eles nos oferecem não é a informação jornalística nem a prestação de serviços prometidas pelos argumentos propagandísticos das emissoras. Menos ainda a contextualização crítica. **O que eles difundem é uma armadilha de sensações, para o consumo emocional de auditórios assustados, a conquistar.**

Em elaborada estética do insólito, mostram-nos tiroteios, perseguições, tragédias, cadáveres, corpos mutilados, rastros e

poças de sangue. **Em filmagens e montagens frias, mas que exalam emoção**, exploram o sofrimento e a simplicidade das vítimas, expondo-as à comiseração pública. **Entrevistam bandidos**, para lhes arrancar **descrições do modo e das razões do agir criminoso**, socializando, assim, ensinamentos de como e por que matar, roubar, estuprar, viver do crime e no crime.

É uma **dialética perversa**, que de um lado **insufla o medo coletivo, de outro, se aproveita dele**.

A própria polícia acaba por emprestar a essa pedagogia do crime uma contribuição técnica de irresponsável didatismo. Como as reportagens mais espetaculares são pautadas pela própria polícia, em torno de casos em que a ação policial é bem sucedida, **vêm também da polícia a narração e os narradores**, protagonistas oficiais que, com detalhes, **revelam o *modus operandi* da bandidagem**. Em alguns casos, dão-nos **verdadeiras aulas de como seqüestrar, roubar e matar**.

Aulas que já assustam populações de outros países da língua portuguesa, alcançados via satélite pela Record.

Tanto em Portugal (onde estive recentemente), quanto nos países africanos (alguns dos quais tive a oportunidade de visitar em anos recentes), a crônica policial local já relata **crimes urbanos claramente influenciados pelo “ensinamento brasileiro”**.

Também lá, o medo cresce nas populações.

\*\*\*

É da natureza dessa tipologia de programas **espezinhar valores importantes da cidadania**, valores duramente conquistados, um dos quais o direito à presunção de inocência até que a culpa se prove em Tribunal. Raro é o dia em que não se “julgue” e “condene” pessoas, apenas porque foram presas. E tudo isso com clamores justiceiros, às vezes alucinados, que em vez do apreço pela justiça, essencial na cultura democrática, disseminam gosto pela vingança e pelo ódio.

Claro que também há coisas boas nesses programas, uma delas a capacidade operacional e editorial de oferecer recortes dos dramas urbanos em tempo real. Mas o que os marca, como característica predominante, é a busca do sucesso pela deliberada **adesão à lógica da violência**, para com ela fazer o show.

Que efeitos multiplicados e multiplicadores isso tem, não sabemos. Mas sabemos que, em tais programas, **a televisão manifesta a sua falta de compromisso com a educação, a cultura e o aperfeiçoamento da sociedade.**

## **Paradigma Datena**

De alguma forma, os recentes episódios em que José Luiz Datena foi protagonista, de rompimento unilateral de contratos milionários confirmam, em seu significado, a natureza aética do telejornalismo em que o famoso apresentador ganhou dimensão de paradigma.<sup>1</sup>

Embora pouco se saiba do “feito e dito” nos bastidores dos embates entre a Rede Record, Datena e a Rede Bandeirantes, ficou evidente, no episódio, a esperteza do apresentador e dos seus advogados, nesse inesperado e complicado troca-troca de emissoras, envolvendo milhões de reais.

Aliás, para os fins desta reflexão, pouco importa se o apresentador está no "Cidade Alerta" (Record) ou no "Brasil Urgente" (Bandeirantes). **O nome e o estilo Datena são marcas decisivas, indeléveis, nos dois programas.** Neles criou e se tornou paradigma desse tipo de “jornalismo”. Para onde Datena vai, com ele vai a audiência que lhe é fiel. Que não é pouca. Isso lhe garante **o poder próprio que tão ostensivamente exhibe e exerce**, tanto no estilo de comandar os programas que apresenta quanto

---

<sup>1</sup> - *Fujo às ambigüidades do termo “paradigma”, usando-o apenas no seu significado de “modelo” que, ao ser acreditado, torna-se critério de verdade para quem o aceita como bom.*

nas condições que impõe aos gigantes empresariais que o contratam.

O poder e prestígio do comunicador Datena fortaleceu-se, de modo especial, na sua passagem anterior pela rede Record, quando, a partir de certo momento, e com enorme sucesso, ele deu fisionomia nova ao “Cidade Alerta”.

No plano da forma, o programa passou a ter, como prioridade, a **agilidade da reportagem ao vivo**. Com o uso de um helicóptero e de um "motolink" (motocicleta equipada para a transmissão de imagens ao vivo), a reportagem do "Cidade Alerta" chegava rapidamente ao local dos fatos, filmando-os em terra e pelo alto. Quando as tragédias (enchentes, por exemplo) e os conflitos aconteciam no horário do programa, a Record castigava a concorrência com banhos imbatíveis de cobertura em tempo real. Graças ao "Cidade Alerta".

Na condução desse processo, Datena revelou-se um craque. **Na ocasião, até a Rede Globo se assustou**, com o “Cidade Alerta” lambendo-lhe os calcanhares.

A mudança mais curiosa ocorreu, porém, na linha dos comentários do apresentador. Para se avaliar corretamente o que isso representa, convém lembrar que o sucesso do programa (seja ele o “Cidade Alerta” ou o “Brasil urgente”) não se deve às reportagens apresentadas, mas às falas gritadas de Datena, em exaltações verbais que roçam o histerismo.

São essas intervenções que levantam a audiência, quando os indicadores do Ibope emitem sinais de perigo.

Na luta por audiência, Datena é um guerreiro notável, com percepção aguçada da relação de forças que condiciona as “batalhas” em que diariamente se envolve. Por isso, no estúdio da Record em que então apresentava o seu programa, Datena tinha à sua frente monitores que lhe indicavam, em tempo real, os níveis de audiência que mediam a performance do seu programa na comparação com os programas “inimigos”. Sempre que os indicadores do Ibope mostravam oscilações desfavoráveis, o **apresentador interrompia os repórteres e chamava a si**

**câmeras e microfones** para, na base do grito, trazer de volta os telespectadores hesitantes. E assim continuou a fazer na Bandeirantes.<sup>2</sup>

Com ou sem monitores, na tática do modelo, a verborragia do apresentador ocupa mais de um terço do tempo. Por isso, naquela fase de sucesso na Record, as falas de José Luiz Datena deram novo tom ao “Cidade Alerta”.

É certo que as palavras continuaram muitas, e o conteúdo, escasso. Mas a verborragia, antes dirigida apenas à violência, à insegurança, aos escândalos do crime e ao drama do medo urbano, passou a focar também questões como distribuição de renda, desemprego, infância abandonada, fome, direito de moradia, à escola, à saúde.

Em alguns momentos, parecia até um programa politizado, com visão ideológica sobre as mais graves questões sociais.

Mas **tudo era maquiagem esperta**, na briga por audiências. Em alguns casos, **maquiagem vergonhosa**, de simples **exploração da pobreza**, usada como ingrediente do show.

Relato apenas um caso.

Naquela época de sucesso ascendente do “Cidade Alerta”, o programa ganhou um quadro no qual Datena **“entrava” na casa de uma família em situação de extrema pobreza**. Um link era instalado na residência visitada, para que o apresentador, do estúdio, conversasse ao vivo com algum dos moradores.

Eu orientava, então, o mestrado da jornalista e professora Mônica Arouca, voltado para o estudo conceitual do “Popular”. O plano de pesquisa incluía a desconstrução do “Cidade Alerta”. Mônica fez um trabalho meticuloso, de rigor metodológico, inclusive na observação direta do programa, em estúdio e nas coberturas externas.

---

<sup>2</sup> - Segundo informam os colonistas especializados em televisão, uma das contrariedades que levou Datena à recente ruptura contratual com a Record foi a falta de acesso às informações sobre os níveis de audiência.

Certo dia, ela acompanhou o repórter escalado para ir à moradia miserável a ser “visitada” por Datena, ao vivo e em cores. A moradia era um buraco em alguma das pontes do rio Tietê, onde vivia uma pobre senhora. O plano da reportagem previa que, no momento certo, motivada pelas perguntas do apresentador, a habitante daquele buraco abriria a geladeira - “**que deveria estar vazia**”, por **exigência previamente estabelecida pela pauta** entregue ao repórter.

Por dever de orientador, assisti ao programa nesse dia. E o que vi foi o seguinte: ao ser entrevistada ao vivo, e para surpresa de Datena, a **senhora revelou que naquele dia havia almoçado arroz, feijão e carne, o que contrariava a expectativa criada pelas perguntas, de uma dramática história de fome**. Depois, quando chegou a hora de abrir a geladeira, a câmera mostrou um **estoque de alimentos suficiente para alguns dias**.

**Datena terminou abruptamente** a reportagem. E o repórter voltou assustado à redação, onde o aguardava uma ríspida advertência pela falha que levara a reportagem ao “fracasso”.

\*\*\*

**Coisas do sensacionalismo**, dirão alguns. **Desonestidade intelectual**, digo eu – porque é o nome que deve ser dado ao uso indevido da linguagem jornalística, para, **em proveito próprio**, enganar os outros.

**Esse é o âmago aético do paradigma!**